

DESLOCAMENTOS E (NÃO) PERTENCIMENTO EM A *SMALL PLACE*, DE JAMAICA KINCAID

Walter Cruz (UERJ)¹

Leila Assumpção Harris (UERJ)


Resumo: A proposta deste trabalho é investigar os elementos de deslocamento, pertencimento e não-pertencimento no texto não-ficcional *A Small Place* (1988), da escritora antiguana Jamaica Kincaid. Através de críticas, a narradora demonstra inquietude ao descrever uma Antígua à qual ela pertence, mas da qual não se sente parte. Evidências como o ensino da língua inglesa como ferramenta de colonização demonstram a ironia levantada pela opressão colonial: o colonizado passa a sentir-se deslocado em sua própria terra natal. Neste trabalho, a análise de *A Small Place* (1988) torna-se possível através de reflexões que contribuem para o entendimento da construção da subjetividade diaspórica influenciada por vários tipos de deslocamento.

Palavras-chave: Deslocamento; Pertencimento; Pós-colonialismo; Identidade

O presente artigo é um desdobramento da minha pesquisa no mestrado sobre identidade, pertencimento e não-pertencimento na literatura pós-colonial. Como recorte literário, trabalho com duas obras da escritora antiguana Jamaica Kincaid: o *memoir* nomeado *My Brother* (1997) e o texto não-ficcional *A Small Place* (1988). Ainda jovem, a autora mudou-se para os Estados Unidos, país historicamente conhecido por suas práticas colonizadoras, e começou a se aventurar tanto na escrita quanto na fotografia, além de se interessar também por botânica. Seus romances, contos e textos não-ficcionais são representações de Antígua, sua terra natal, e são permeados por sentimentos que envolvem nostalgia e crítica, demonstrando o que Susheila Nasta (2009) afirma ser um desejo obsessivo de reinvenção de seu passado. Para este trabalho, faço uma investigação de elementos que demonstram deslocamentos - geográficos, emocionais, temporais, entre outros – e pertencimento ou não-pertencimento no texto não-ficcional *A Small Place*, publicado em 1988.

Na obra, a narradora apresenta Antígua nos moldes de um guia turístico, mas vê-se rapidamente que a descrição é direcionada tanto aos antigos colonizadores da ilha caribenha – os ingleses – quanto aos turistas contemporâneos interessados em usufruir da ilha sem qualquer preocupação com os habitantes locais. O intuito da narrativa é denunciar as consequências dos processos de colonização, que perduram mesmo após a criação do estado-nação. A elucidação sobre o período em que Antígua era dominada

¹ Graduado em Letras – Inglês/Literaturas (UERJ), aluno de Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ) sob orientação da Prof.^a Dr.^a Leila Assumpção Harris. Contato: waltercaminha@gmail.com.



pela Inglaterra demonstra o processo de apropriação da terra e imposição de costumes, despindo um povo de sua própria cultura e tornando-o “estrangeiro” em seu próprio país. Assim, percebe-se que a narradora não se sente parte do que se tornou o povo de Antígua durante e após o período em que estava sob os supostos “cuidados” da Coroa inglesa, período este marcado pela exploração colonial. As observações da narradora nos remetem ao que Stuart Hall (2003) chama de “legados do Império”: pobreza, subdesenvolvimento e falta de oportunidades.


Para compreender melhor as obras de Jamaica Kincaid, é interessante contextualizar sua literatura e o lugar de onde a autora escreve. É possível relacionar Jamaica Kincaid ao que Elleke Boehmer chama de “escritor pós-colonial comum”, apesar de Boehmer se referir aos escritores dos anos 2000: mais “extra-territoriais”, viajantes culturais, do que nacionalistas e ligados a sua terra (BOEHMER, 2005). Boehmer descreve esses autores como “nascidos em ex-colônias, culturalmente interessados no Terceiro Mundo e cosmopolitas em todo o resto” (BOEHMER, 2005, p.227, tradução minha)². Pelos detalhes autobiográficos e obras de Kincaid, podemos ver que ela não é nascida em uma ex-colônia pois nasceu ainda durante o governo imperial do Reino Unido e pode vivenciar a suposta independência de Antígua e Barbuda. Entretanto, Kincaid é contemplada pelas outras características descritas por Boehmer, tendo em vista que escreve sobre a colonização e descolonização de sua terra natal na posição de sujeito diaspórico que vive em um país hegemônico.

O tom de denúncia em *A Small Place* (1988) é percebido logo na abertura do texto, quando o primeiro parágrafo demonstra a precariedade dos serviços públicos em Antígua e o descaso das figuras políticas. O primeiro trecho, em tradução livre, diz:

Se você for a Antígua a passeio, é isso que você encontrará. Vindo de avião, você pousará no Aeroporto Internacional V. C. Bird. Vern Cornwall Bird é o primeiro-ministro de Antígua. Talvez você seja o tipo de turista que pensaria 'por que um primeiro-ministro colocaria seu nome em um aeroporto – e não uma escola, um hospital, um monumento público?'. Você é um turista e ainda não viu uma escola em Antígua, um hospital em Antígua, um monumento público em Antígua. (*A Small Place*, 1988, p.3, tradução nossa)³

² "ex-colonial by birth, 'Third World' in cultural interest, cosmopolitan in almost every other way" (BOEHMER, 2005, p.227)

³ "If you go to Antigua as a tourist, this is what you will see. If you come by aeroplane, you will land at the V. C. Bird International Airport. Vere Cornwall (V. C.) Bird is the Prime Minister of Antigua. You may be the sort of tourist who would wonder why a Prime Minister would want an airport named after



Seguindo este tom ácido e sem rodeios, a narradora apresenta ao leitor uma Antígua que os turistas dificilmente gostariam de visitar. Em um monólogo direcionado aos ingleses contemporâneos, a narradora de Kincaid expõe as diversas consequências da exploração colonial durante e após a independência da ilha, denunciando o estado de conservação em que Antígua se encontra.

Um dos pontos levantados pela narradora em *A Small Place* (1988) é o uso da língua inglesa em Antígua. Os teóricos Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin mencionam na introdução de *The Empire Writes Back* (1989) o ensino da língua inglesa como uma forma de disseminação das práticas de colonização, tanto como mera propaganda quanto em nível mais profundo, para naturalização de valores construídos pelo colonizador. A imposição da comunicação na língua do opressor age como uma ferramenta importante para perpetuar a estrutura hierárquica do império britânico sobre a colônia, tornando-se o meio usado para divulgar valores como “verdade”, “ordem” e “realidade” (ASHCROFT et al, 1989, p7). A institucionalização da ideologia imperial é mencionada por Ashcroft, Griffiths e Tiffin ao citar a argumentação de Gauri Viswanathan sobre o tema:

Os administradores das colônias britânicas, instigados por missionários de um lado e medo da insubordinação nativa do outro, descobriram na literatura inglesa uma aliada para ajudá-los a manter o controle dos nativos sob a máscara de uma educação liberal. (VISWANATHAN, 1987, apud ASHCROFT et al, 1989, p. 3, tradução nossa)⁴

Em *A Small Place* (1988), Kincaid escreve diretamente aos turistas europeus, em especial os britânicos, em forma de denúncia. A narradora chama atenção para o fato absurdo de precisar usar a língua inglesa para denunciar o processo destrutivo da colonização conduzido pelos próprios ingleses. Ao demonstrar que precisa se expressar

him — why not a school, why not a hospital, why not some great public monument? You are a tourist and you have not yet seen a school in Antigua, you have not yet seen the hospital in Antigua, you have not yet seen a public monument in Antigua.” (*A Small Place*, 1988, p.3)

⁴ “British colonial administrators, provoked by missionaries on the one hand and fears of native insubordination on the other, discovered an ally in English literature to support them in maintaining control of the natives under the guise of a liberal education.” (VISWANATHAN, 1987, apud ASHCROFT et al, 1989, p. 3)

em inglês para denunciar os ingleses, ela enfatiza o uso da língua como ferramenta de validação dos processos coloniais:


Não é absurdo que a única língua que posso usar para relatar este crime seja a língua do criminoso que o cometeu? O que isso significa, já que a língua do criminoso só pode exprimir a bondade de seus atos? A língua do criminoso pode explicar e expressar ações somente do ponto de vista do criminoso. Sua língua não transparece o horror, a injustiça, a agonia e a humilhação impostas a mim. (*A Small Place*, 1988, p.31-32, tradução nossa)⁵

O sentimento de não-pertencimento na crítica ao uso do inglês como língua oficial demonstra que parte da identidade dos colonizados passa por uma reconstrução forçada através da língua do colonizador. Entretanto, também ressaltado por Ashcroft, Griffiths e Tiffin, o relato de um sujeito colonizado que usa a língua do colonizador para denunciá-lo indica uma apropriação da língua para novos fins. É o uso do inglês contra a hegemonia inglesa, numa estratégia de resistência contra a imposição da colônia.

Outra questão importante trazida em *A Small Place* (1988) é a de um ponto de vista sobre a colonização e descolonização que surge de uma perspectiva diferente: a do colonizado. Ao escrever sobre sua experiência vivendo em uma antiga colônia, Kincaid cria uma versão da História diferente daquela amplamente conhecida, com H maiúsculo, já que este novo relato se constrói a partir do ponto de vista de alguém que não tinha poder na relação entre colonizador e colonizado. Os livros de História costumam apresentar a versão contada pelo colonizador, adotando uma visão eurocêntrica, mas ao usar elementos de sua vida para escrever sobre o Caribe, Jamaica Kincaid adentra o campo da auto-representação. Esse movimento é considerado por Stuart Hall, sociólogo jamaicano conhecido por suas publicações nas áreas de identidade e diáspora, a mais profunda revolução cultural do século XX: quando indivíduos e grupos marginalizados adquirem voz e, com isso, passam de objetos da cultura dominante a sujeitos de suas próprias narrativas (HALL, 1997).

Em *A Small Place* (1988), a narradora é alguém que vive em Antígua e apresenta a ilha ao turista britânico através de sua perspectiva como colonizada. Durante toda a

⁵ “For isn't it odd that the only language I have in which to speak of this crime is the language of the criminal who committed the crime? And what can that really mean? For the language of the criminal can contain only the goodness of the criminal's deed. The language of the criminal can explain and express the deed only from the criminal's point of view. It cannot contain the horror of the deed, the injustice of the deed, the agony, the humiliation inflicted on me.” (*A Small Place*, 1988, p.31-32)



narrativa, fica clara a crítica ao modelo imperial que dominou o país durante séculos e o discurso da narradora é especificamente sobre a relação dos colonizadores ou ex-colonizadores com Antígua. Ela diz:

Vocês roubaram as pessoas. Abriram seus próprios bancos e depositaram nosso dinheiro neles. Os bancos estavam sob responsabilidade de vocês. Talvez houvesse uma ou outra pessoa boa entre vocês, mas essas pessoas ficaram em casa. Esse é o x da questão. É por isso que elas são boas. Elas não vieram. (*A Small Place*, 1988, p.35, tradução nossa)⁶

A identidade da narradora em *A Small Place* (1988) é construída através de suas observações sobre os processos de colonização e descolonização da ilha. A narradora deixa claro que ela é de Antígua, mas o colonizador não, o que traz as ideias de pertencimento e não-pertencimento de maneira dialógica. Assim, pode-se olhar para estas ideias através das reflexões de Hall em seu artigo "Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior", publicado em 1999:


Essa perspectiva é dialógica, já que é tão interessada em como o colonizado produz o colonizador quanto vice-versa: a 'co-presença, interação, entrosamento das compreensões e práticas, frequentemente [no caso caribenho, devemos dizer sempre] no interior de relações de poder radicalmente assimétricas' (HALL, 2003, p.31-32)

É irônico que nessas relações de poder assimétricas entre colonizador e colonizado, que surgem através dos processos de colonização, o nativo é levado a sentir-se deslocado, não-pertencente à sua própria terra natal.

A narradora em *A Small Place* (1988) denuncia o colonizador ao expor o sofrimento causado pelos processos de dominação e colonização, além do abandono promovido pela suposta descolonização, criando um novo registro das situações vividas por pessoas que já estavam no Caribe quando os colonizadores britânicos chegaram para tomar suas terras:

Nada de épocas em que meus ancestrais reinavam, nada de registros de civilizações complexas, nada disso me conforta. Mesmo que meus antepassados vivessem como macacos em árvores, ainda seria melhor

⁶ “You robbed people. You opened your own banks and you put our money in them. The accounts were in your name. The banks were in your name. There must have been some good people among you, but they stayed home. And that is the point. That is why they are good. They stayed home.” (*A Small Place*, 1988, p.35)



do que o que aconteceu comigo, o que me tornei depois de encontrar você. (*A Small Place*, 1988, p. 37, tradução nossa)⁷

Essa alternativa aos livros de História produzidos por culturas hegemônicas mostra que os beneficiados pelo modelo imperial foram somente os britânicos, enquanto aos povos caribenhos restaram apenas a exploração e o abandono. Aos ex-colonizados, o que fica como “lembranças” da época em que a colônia estava sob supervisão da Coroa são os “legados do Império” (HALL, 2003), previamente mencionados.

É importante lembrar que processos de colonização são acompanhados de deslocamentos de diversos tipos. Seja o deslocamento físico, como de escravos que são levados para a colônia ou de nativos que se vêem forçados a fugir do modelo imperial – tanto para ajudar financeiramente seus familiares que ficam quanto para buscar asilo em outros países – ou também o deslocamento emocional, quando o indivíduo não consegue reconhecer seu lugar de origem tendo em vista as mudanças impostas pelas práticas colonizadoras. Os deslocamentos de naturezas diversas que vemos em *A Small Place* (1988) também podem ser percebidos em outras publicações da autora, devido às inserções de elementos autobiográficos em sua escrita.

A existência de elementos autobiográficos nas obras de Jamaica Kincaid nunca foi negada pela autora. Em suas declarações públicas, Kincaid sempre procurou esclarecer que não escreve sobre sua própria história, mas que usa sua vida como inspiração para criar outras vidas. Em entrevista, Kincaid esclarece que seus romances usam detalhes de sua vida e das vidas de pessoas que fizeram parte de sua história, mas que não são autobiográficos já que, como ela mesmo ressalta, são romances. Para exemplificar, ela fala de *Mr. Potter*, romance publicado em 2002 que usa detalhes da relação de Kincaid com seu pai:

Eu sou a autora que escreve sobre *Mr. Potter*, mas no livro eu não sou necessariamente a narradora. A narradora é filha do *Mr. Potter*. Na vida real eu sou a filha real do *Mr. Potter*. Veja bem... [o romance] usa minha biografia mas não é sobre mim, e usa a biografia dele mas não é sobre ele. Se eu quisesse que fosse sobre mim e ele, eu não

⁷ “No periods of time over which my ancestors held sway, no documentation of complex civilisations, is any comfort to me. Even if I really came from people who were living like monkeys in trees, it was better to be that than what happened to me, what I became after I met you.” (*A Small Place*, 1988, p. 37)

chamaria de romance. (DEZIEL, 2002 apud NASTA, 2009, p.75, tradução nossa, grifos da autora)⁸

No artigo “‘Beyond the frame’: Writing a Life and Jamaica Kincaid’s Family Album”, a teórica Susheila Nasta (2009) compara as obras de Kincaid a um álbum de retratos de família, no qual a cada história escrita pela autora, o leitor é apresentado e reapresentado a detalhes de vidas muito parecidas com a de Kincaid:

(...) as múltiplas invenções de si e retratos de família que ela criou podem muito bem ser vistos como um projeto literário dinâmico, performático e de vários gêneros, que evita ser finalizado e resiste à necessidade de apresentar elementos discretos de verossimilhança, ou o que chamamos de autênticas verdades autobiográficas. (NASTA, 2009, p.65, tradução nossa)⁹

Nasta também ressalta que Kincaid demonstra um “desejo persistente de revisitar, remoldar e reimaginar as ‘verdades’ enterradas” de sua história pessoal, tendo em vista que seus textos apresentam similaridades, familiaridades entre si. Como afirmado por Leigh Gilmore, “não é que Kincaid esteja escrevendo o mesmo livro diversas vezes; na verdade, ela está adicionando volumes a uma série de histórias” (GILMORE, 2001, p.100, tradução nossa)¹⁰. Essa intertextualidade que encontramos nos elementos apresentados nas obras de Kincaid:


(...) pode ser lida como uma rede crescente de associações que se expande em múltiplas direções e produz a estranha sensação de que já vimos ‘aquilo’ antes. Esse ‘aquilo’ pode ter sido vislumbrado em um outro texto, e não há a necessidade de confirmar sua ligação com a vida de Kincaid para entender seu entrelaçamento com o autobiográfico. (GILMORE, 2001, p.116, tradução nossa)¹¹

⁸ “I’m the writer writing about Mr. Potter, but in the book I’m not necessarily the narrator. The narrator is Mr. Potter’s daughter. In real life I am Mr. Potter’s real-life daughter. You follow. . . . It uses my biography but it’s not about me and it uses his biography but it’s not about him. If I had wanted it to be about he and I, I wouldn’t have called it a novel.” (DEZIEL, 2002 apud NASTA, 2009, p.75)

⁹ (...) the multiple self-inventions and family portraits she has created can most usefully be seen as a dynamic, performative and cross-genre literary project, which resists closure and the need to present discrete portraits of a life linked to verisimilitude, or what we might call authentic autobiographical truths. (NASTA, 2009, p.65)

¹⁰ “it is not that Kincaid is writing the same book over and over; rather, she is adding volumes to a series” (GILMORE, 2001, p.100)

¹¹ (...) can be read as this growing network of associations which expands in multiple directions and produces the uncanny sense that we have been “here” before. The “here” may well have been first glimpsed in another text, and we need not confirm its source in Kincaid’s life to grasp its intrication within the autobiographical. (GILMORE, 2001, p.116)



Assim, através da leitura de seu “álbum de família”, conhecemos a Antígua de Kincaid, apresentada ao leitor através de sua nostalgia, lembranças, denúncias e críticas de uma ilha devastada pelo modelo imperial britânico. Analisando os pontos levantados pela narradora em *A Small Place* (1988), podemos perceber os deslocamentos experimentados pelo sujeito colonizado, deslocamentos estes que podem surgir na língua, na geografia, na história e na economia de um Caribe que foi tomado dos caribenhos.

Os sentimentos de pertencimento e não pertencimento aparecem no texto de maneira dialógica já que o colonizado, através dos processos de colonização, é levado a sentir-se como estrangeiro em sua terra natal, demonstrando a ironia do discurso colonial hegemônico. Ao expor os processos da colonização e da suposta descolonização da ilha, mostrando que as práticas da época em que Antígua estava sob os “cuidados” da Coroa britânica perduram até hoje, a narradora de Jamaica Kincaid transita entre os sentimentos de pertencimento e não pertencimento, colocando em xeque as versões apresentadas nos livros de História de abordagem eurocêntrica.

Referências bibliográficas

ASHCROFT, Bill. GRIFFITHS, Gareth. TIFFIN, Helen. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1989.

BOEHMER, Elleke. Postcolonialism. In: _____. *Colonial and Postcolonial Literature: Migrant Metaphors*. New York: Oxford University Press, 2005, p.214-245.

GILMORE, Leigh. There Will Always Be a Mother. In: GILMORE, Leigh. *The Limits of Autobiography*. New York: Cornell Press University, 2001.

HALL, Stuart. The Local and the Global: Globalization and Ethnicity. In: McCLINTOCK, Anne & al (Eds.). *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, pp.173-187.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: Liv Sovik (Org.). *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p.25-50.

KINCAID, Jamaica. *A Small Place*. London: Virago, 1988.



NASTA, Susheila. 'Beyond the frame': Writing a Life and Jamaica Kincaid's Family Album. In: *Contemporary Women's Writing*. Volume 3, number 1, 2009, p. 64-85. Oxford: Oxford University Press, 2009.